

# Oração semanal

(5ª-feira, Páscoa 4)

Serra do Pilar, 26 abril 2018

**P.** Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

**R.** **Ámen!**

**P.** Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;  
fica connosco (Lc 24,29), Aleluia!

**R.** **E desça sobre nós a tua bênção, Aleluia !**

**P.** Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

**R.** **Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!**

## **Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo João (Jo 14,1-12)**

Disse Jesus aos seus discípulos: *Não se perturbe o vosso coração. Se acreditais em Deus, acreditai também em mim. Em casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fosse, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos um lugar e virei novamente para vos levar comigo, para que, onde eu estou, estejais vós também. Para onde eu vou, conheceis o caminho.* Disse-lhe Tomé: *Senhor, não sabemos para onde vais: como podemos conhecer o caminho?* Respondeu-lhe Jesus: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim. Se me conhecêsseis, conheceríeis também o meu Pai. Mas desde agora já o conheceis e já o vistes.* Disse-lhe Filipe: *Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta.* Respondeu-lhe Jesus: *Há tanto tempo que estou convosco e não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como podes tu dizer 'Mostra-nos o Pai'? Não acreditas que eu estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim próprio; mas é o Pai, permanecendo em mim, que faz as obras. Acreditai-me: Eu estou no Pai e o Pai está em mim; acreditai ao menos pelas minhas obras. Em verdade, em verdade vos digo: quem acredita em mim fará também as obras que eu faço e fará ainda maiores que estas, porque eu vou para o Pai.*

## **Salmo 147**

### **Louvando o Senhor, exulto de alegria!**

Louvai o Senhor porque é bom cantar!  
É digno e justo louvar o nosso Deus.  
O Senhor restaura Jerusalém  
e reúne os dispersos de Israel.

Ele cura os corações atribulados,  
a todos trata as feridas.  
Ele fixa o número das estrelas  
e a cada uma chama por seu nome.

Grande e forte é o nosso Deus,  
a sua sabedoria não tem limites.  
O Senhor ampara os humildes  
mas derruba os poderosos de seus tronos.

Cantai ao Senhor com gratidão,  
cantai ao nosso Deus acompanhados pela harpa.  
Ele cobre de nuvens o céu e sobre a terra envia a chuva  
que alimenta a erva dos montes.

Ele dá de comer aos animais  
e aos filhotes dos corvos quando gritam.  
Não é o vigor do cavalo que lhe agrada  
nem a força do guerreiro que ele premeia.

Ao Senhor agrada quem o leva a sério  
e os que confiam no seu amor.  
Glorifica, Jerusalém, o Senhor;  
louva, Sião, o teu Deus.

Ele reforçou os ferrolhos das tuas portas  
e abençoou os filhos que te habitam.

Ele estabeleceu a paz nas tuas fronteiras  
e saciou-te com a flor do trigo.

Ele envia as suas ordens à terra  
e a sua palavra corre velozmente.  
Faz cair a neve, branca como a lã,  
e espalha a geada como se fora cinza.

Faz cair o granizo como migalhas de pão;  
ao seu frio, quem pode resistir?  
Envia a sua palavra e o gelo derrete,  
faz soprar o vento e correm as águas.

Ele revela os seus planos a Jacob,  
seus preceitos e sentenças a Israel.  
Nada assim fez com outro povo,  
a nenhum revelou seus mandamentos.

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito,  
ao Deus que era, que é e que vem!  
Glória à Verdade que nos veio libertar,  
Glória à Graça que nos trouxe a Justiça!

### **A experiência decisiva**

No mais profundo deste processo [a irrupção, na Ressurreição, da força e do amor salvador de Deus], estava Deus a inspirar a sua procura, a iluminar as suas perguntas, a desvanecer as suas dúvidas e a despertar a sua fé inicial para horizontes novos. Tal era a convicção dos discípulos: Deus estava a tornar presente *Jesus* ressuscitado nos seus corações. De vez em quando, palpavam mesmo que Deus lhes estava a revelar o crucificado cheio de vida. Agora, conseguiam captá-lo de uma maneira completamente diferente da anterior. Agora conseguiam "vê-lo", realmente, em toda a sua "glória" de ressuscitado. Sem essa experiência, poderia ser que o tivessem venerado durante algum tempo, mas bem depressa a sua memória se desvaneceria.

Como é que entenderiam os discípulos aquilo que estava a acontecer com eles? A expressão mais antiga ficou muito rapidamente gravada numa fórmula que era repetida de uma maneira invariável: *Jesus "deixa-se ver"*. Tinham-no perdido no mistério da morte, mas agora apresentava-se-lhes cheio de vida. O vocábulo foi tomado da Bíblia grega, onde se emprega para falar das "aparições" de Deus a Abraão, a Jacob e a outros. Na realidade, não é que Deus aparecesse nessas cenas de forma visível, mas a sair do seu mistério insondável para estabelecer uma comunicação real com os humanos. Tanto Abraão como Jacob experimentaram a sua presença. Por isso, esta linguagem não nos diz nada sobre o modo como os discípulos se terão apercebido da presença do ressuscitado. O que sugere é que, mais do que mostrar a sua figura visível, o ressuscitado agia neles criando as condições exatas para que pudessem captar a sua presença.

Será mais esclarecedor conhecer o que disse Paulo sobre a sua própria experiência, pois ele é a única testemunha que fala diretamente do que viveu. Em momento algum a descreve ou a explica em termos psicológicos. O que aconteceu com ele era uma "graça", uma dádiva que ele atribuía à iniciativa de Deus ou à intervenção do ressuscitado. A única coisa que ele podia dizer era "que tinha sido alcançado" por Cristo Jesus; que o ressuscitado se tinha apoderado dele, que o tinha feito seu. Nessa experiência "descobrir o poder da ressurreição". Paulo tinha consciência de que se lhe estava a revelar o mistério de Jesus. O que estava a viver era "a revelação de Jesus Cristo". Tinham caído todos os véus. Jesus tornava-se-lhe diáfano e luminoso. Não era nenhuma ilusão, mas uma grandiosa realidade: "Deus quis revelar em mim o seu Filho". O impacto foi tão potente que provocou nele uma reorientação total da sua vida. O encontro com o ressuscitado fez-lhe "compreender" o mistério de Deus e a vida de uma maneira radicalmente nova. Paulo deixou de ser o mesmo. Aquele que perseguira os seguidores do crucificado anunciava agora a toda a gente a Boa Notícia que antes quisera destruir. Tinha produzido na sua vida uma total revolução de critérios. Paulo sentia-se um "homem novo". A sua própria transformação era o melhor testemunho daquilo que vivera. Desde a sua própria experiência, podia proclamar a todos: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim".

Numa época relativamente tardia, quando os cristãos já levavam quarenta ou cinquenta anos a viver a fé em Cristo ressuscitado, deparámo-nos com uns relatos cheios de beleza que evocam os primeiros "encontros" dos discípulos com Jesus ressuscitado. São narrações que recolhem tradições anteriores, mas que cada um dos evangelistas trabalhou a partir da sua própria visão teológica para concluir o seu evangelho sobre Jesus. Salta imediatamente à vista que estes relatos não pretendem ser uma informação pormenorizada daquilo que tinha acontecido quarenta ou cinquenta anos antes. De facto, é impossível reconstituir os acontecimentos a partir daquilo que nos contam. Trata-se de uma espécie de "catequeses" compostas para aprofundar os diversos aspetos da ressurreição de Cristo, com consequências muito importantes nos seus seguidores. Não surgiram do nada, sem terem uma base na realidade. Elas recolheram múltiplas vivências que eram ainda recordadas entre os cristãos. Abarcavam reflexões sobre a presença inesperada de Jesus depois da sua morte, dúvidas e incertezas dos primeiros momentos, processos de conversão, reflexões sobre as Escrituras destinadas a compreender melhor o que estavam a viver... Contudo, o objetivo dos evangelistas não era acrescentar mais informação àquela que já tinham fornecido sobre Jesus. O que pretendiam era fazer entender a todos que a sua vida e a sua morte tinham de ser compreendidas na perspetiva de uma nova dimensão. Aquele Jesus que, ao longo do seu relato, os leitores tinham podido seguir a anunciar o reino de Deus e a morrer exatamente por esse motivo estava vivo. Tinha sido ressuscitado por Deus e continuava cheio de vida a acompanhar os seus.

O que é que sugerem esses relatos acerca da experiência que transformou os seguidores de Jesus? O núcleo central era, sem dúvida, o encontro pessoal com um Jesus cheio de vida. Isso era o fundamental: Jesus vivia e estava novamente com eles. Tudo o resto era acessório. Os discípulos tinham-se encontrado com aquele que os chamara ao serviço do reino de Deus e a quem tinham abandonado no momento crítico da crucifixão. Estando ainda cheios de medo das autoridades judaicas, e com as portas fechadas, "Jesus apresentou-se no meio deles". Nada nem ninguém podia impedir a Jesus ressuscitado de poder estar em contacto

com os seus. As mulheres tinham-se encontrado com aquele que tinha defendido a sua dignidade e as acolhera na sua companhia: "Jesus saiu ao seu encontro e disse-lhes: 'Salvé!'. Elas aproximaram-se, estreitaram-lhe os pés". Tinham experimentado novamente a sua suave proximidade. Maria de Magdala encontrou-se com o Mestre que a tinha curado e de quem se tinha enamorado para sempre. Ainda de lágrimas nos olhos, ouviu a Jesus, que a chamava pelo nome, com aquele tom inconfundível, que só podia ser dele. Não. As coisas provavelmente não se terão passado exatamente assim, mas dificilmente se poderia evocar de maneira mais expressiva qualquer coisa daquilo que estavam a viver aqueles homens e aquelas mulheres depois de experimentarem novamente Jesus nas suas vidas.

Esse encontro com Jesus ressuscitado era uma dádiva. Os discípulos não tinham feito nada para a merecerem. Os relatos insistem em que era Jesus quem tinha a iniciativa. Era ele a impor-se-lhes, cheio de vida, e a obrigá-los a sair do seu espanto e incredulidade. Os discípulos foram apanhados de surpresa quando Jesus se deixou ver no centro daquele grupo de homens e de mulheres atemorizados. Maria de Magdala andava à procura de um cadáver, quando Jesus a chamou. Ninguém estava à espera que Jesus ressuscitasse. Era ele que se fazia presente nas suas vidas, ultrapassando todas as expectativas. Aquilo era uma "graça" de Deus, como dizia Paulo.

Trata-se, segundo os relatos, de uma experiência pacificadora que os reconciliou com Jesus. Os discípulos sabiam que o tinham abandonado. Aquela pena radicada nos seus corações não era apenas tristeza pela morte de Jesus. Era uma tristeza culpável. No entanto, os relatos não registam nenhum indício de censura nem de condenação. O encontro com Jesus foi uma experiência de perdão. Coloca-se repetidamente nos seus lábios uma saudação significativa: "A paz seja convosco!". O ressuscitado oferecia-lhes a paz e a bênção. Jesus continuava a ser o mesmo. Era essa a paz que infundira nos doentes e nos pecadores quando caminhava com eles pela Galileia. Esta era também agora a grande dádiva que Deus oferecia a todos os seus filhos e filhas por meio de Cristo morto e ressuscitado: o perdão, a paz e a ressurreição.

Segundo os relatos, o encontro com o ressuscitado transformara

radicalmente os discípulos. Jesus oferecia-lhes de novo a sua confiança. A infidelidade ficava curada pelo perdão. Podiam iniciar uma vida nova. Com Jesus tudo era possível. Era tanta a sua alegria que nem queriam acreditar. Jesus infundia-lhes o seu alento e libertava-os da tristeza, da covardia e dos medos que os paralisavam. O episódio de Emaús descreve, como nenhum outro, a transformação que se produzia nos discípulos ao acolherem na sua vida a Jesus ressuscitado. Caminhavam "entristecidos", mas, ao escutarem as suas palavras, "sentiram arder o seu coração". Tinham ficado abatidos ao saberem da morte de Jesus, mas, ao experimentá-lo cheio de vida, descobriram que as suas expectativas não tinham sido exageradas, mas demasiado pequenas e limitadas. Frustrados pelo que acontecera, tinham-se afastado do grupo dos discípulos, mas voltaram depois a Jerusalém para contarem aos outros "o que lhes tinha acontecido pelo caminho". Para eles tinha começado uma vida nova.

Esse encontro com o ressuscitado exigia que fosse comunicado e contagiado a outros. Encontrar-se com ele era sentir-se chamado a anunciar a Boa Notícia de Jesus. Os relatos insistem sobretudo na experiência vivida pelos Onze. Eles vão transformar-se no ponto de partida da proclamação de Jesus Cristo a todos os povos. São três as versões recolhidas sobre esse encontro "oficial". A sua redação é tardia e corresponde às necessidades das diferentes comunidades. Segundo João, disse-lhes: "A paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós". Os Onze tinham que se sentir "enviados" por Jesus. Não se lhes indica o objetivo nem os destinatários. Só tinham que fazer o que lhe tinham visto fazer a ele. A missão deles era a mesma que ele recebera do Pai. O único que se lhes pedia era que prolongassem e atualizassem Jesus. Segundo Lucas, os Onze foram constituídos testemunhas daquela experiência do ressuscitado: "Vós sois as testemunhas destas coisas". Com aquele conjunto de testemunhas, iria pôr-se em marcha um movimento que haveria de pregar, em nome de Jesus, "a conversão para o perdão dos pecados a todos os povos". Mateus, por seu turno, apresenta Jesus como Senhor universal do céu e da terra, que envia os Onze a "fazer discípulos" de todos os povos e a "batizá-los". Não se tratava simplesmente de proclamar uma doutrina, mas de suscitar discípulos e discípulas que aprendessem a viver a experiência

de Jesus e se comprometessem, através do gesto do batismo, a segui-lo fielmente.

Essa missão de evangelizar não era exclusiva dos Onze. Todos os que se encontravam com o ressuscitado escutaram o convite para transmitirem a sua própria experiência a outros. Maria de Magdala também escutara de Jesus esse mesmo convite: "Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes...". E, com uma docilidade admirável, Maria deixou-se de abraços e dirigiu-se para onde os discípulos se encontravam e disse-lhes: "Vi o Senhor!". O mesmo fizeram os discípulos de Emaús. Depois de se lhes abrirem os olhos e de terem reconhecido o ressuscitado, voltaram para Jerusalém com o coração a arder e "contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir o pão". Entre os cristãos da segunda e da terceira gerações recordava-se que tinha sido o encontro com Jesus vivo, depois da sua morte, o que tinha desencadeado o anúncio contagioso da Boa Notícia de Jesus.

(José Antonio Pagola — *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 439-444)

**Pai nosso...**

**Oremos (...)**

Senhor,  
nome verdadeiro que chamamos Àquele-que-é:  
que a alegria que o Ressuscitado nos trouxe  
nos congregue cada dia mais em Igreja,  
fraternidade e comunhão dos teus santos,  
para contagiarmos toda a Terra  
com a Boa Nova do teu Reino,  
alegria que não cabe em nós  
e floresce em acção que ninguém programa.  
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,  
na Unidade do Espírito Santo!

**Ámen!**